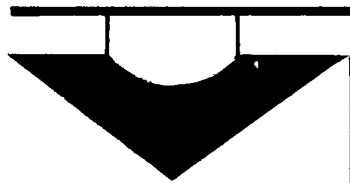


Nos monumentos, a liberdade criativa fez a grandiosidade



Hoje, muitos ainda discutem o valor da obra arrojada de Oscar Niemeyer. A alegação maior é com respeito à concepção que não leva em consideração a funcionalidade e abusa do vidro. O próprio Niemeyer já se declarou favorável à liberdade de criação para que não haja repetição de velhas escolas e estilos arquitetônicos. Os edifícios-monumento trazem turistas de todo o mundo, exatamente pelas linhas diferentes: curvas e projetos que lembram, por incrível que possa parecer, o estilo colonial brasileiro, nas palavras do próprio Niemeyer. Mas Brasília é isso: uma concepção bem arrojada e uma arquitetura ainda mais avançada, com o objetivo de furar o tradicional. Não houve também qualquer preocupação com o custo: mais importante era o projeto em si a sua beleza plástica, a sensação de leveza e bem-estar.

A contribuição pessoal do arquiteto, para evitar a repetição de fórmulas e soluções acadêmicas, foi a base filosófica de Oscar Niemeyer para os projetos de todos os edifícios e monumentos de Brasília. E, como o próprio Niemeyer declarou, "sou a favor de uma liberdade plástica quase ilimitada, liberdade que não se subordina servilmente às razões da técnica ou do funcionalismo, mas que constitua, em primeiro lugar, um convite à imaginação, às formas novas e belas, capazes de surpreender e emocionar pelo que representem de novo e criador: liberdade que possibilite - quando desejável - uma atmosfera de êxtase, de sonho e poesia".

Na criação do Palácio do Congresso, a composição foi baseada neste critério. A monumentalidade da obra traz também a simplicidade das linhas, com o uso de formas geométricas. O prédio foi criado em função do aproveitamento do Eixo Monumental no local, criando, ao nível das avenidas, uma esplanada, com as cúpulas que hoje caracterizam o Congresso.

As linhas básicas do Palácio nunca foram modificadas mas, com o decorrer dos anos, novos anexos foram criados, como o de número três (ao nível do Eixão, ao lado do Itamaraty) e o do Senado, em fase de construção, ao lado do Palácio da Justiça.

Se tivéssemos estudado o Palácio com espírito acadêmico ou se tivéssemos nos preocupado com as críticas, teríamos uma construção em altura, cortando a visão, ao invés dessa esplanada, com a vista que hoje se estende em profundidade, além do edifício, acima da esplanada, entre as cúpulas, abrangendo a Praça dos Três Poderes e os demais elementos arquitetônicos que a compõem.

O Palácio do Planalto, o Supremo e o Palácio da Alvorada só tiveram uma preocupação fundamental: a forma dos suportes ou das colunas. Niemeyer propôs-se a adotar formas diferentes que, mesmo que contrariassem as exigências da funcionalidade, caracterizassem os edifícios, trazendo maior leveza, situando-os como que soltos ou pousados suavemente no solo.

— Agrada-me sentir que essas formas garantiram aos Palácios, por modestas que sejam, características próprias e inéditas e - o que é mais importante para mim - uma ligação com a velha arquitetura do Brasil colonial.

Esta ligação, conforme Niemeyer, faz-se sentir na intenção plástica, no mesmo amor pelas curvas e pelas formas ricas e apuradas que as caracterizam.

Na concepção destes Palácios, houve uma preocupação com a atmosfera da Praça dos Três Poderes, inicialmente criada para ser um ponto de encontro da cidade. Sobre a praça, Niemeyer assim se expressou:

— Não a pretendia fria e técnica, com a pureza clássica, dura, já esperada das linhas retas. Desejava vê-la, ao contrário, plena de formas,

sonho e poesias, como as misteriosas pinturas de Carzou. Formas de surpresa e emoção que alheassem o visitante - ainda que por instantes - dos problemas difíceis, às vezes inventíveis, com que a vida a todos aflige.

Hoje, a praça só está repleta de formas: as dos Palácios, pois nunca conseguiu ser o local de encontro dos habitantes do Plano Piloto, nem mesmo com a implantação de um restaurante oriental - que nada tem a ver com o local - em pleno centro da praça.

Inaugurada em maio de 1970, a Catedral de Brasília ainda se encontra em fase de conclusão, faltando uma segunda camada de vidros coloridos, em seu interior, o término do batistério e do campanário, cujos sinos - provenientes da Espanha - ainda se encontram no pátio da Construtora Rabello, no Setor de Indústrias e Abastecimento. Com três mil metros quadrados, a Catedral, na concepção de Niemeyer, simboliza uma série de mãos que se erguem em preces e também uma coroa de Rei (parte superior), possuindo, em seu interior, uma cripta, onde serão enterrados os bispos e arcebispos que falecerem em Brasília.

Logo no início dos trabalhos de implantação de Brasília, os jornais do país noticiavam que o palácio do presidente - já denominado Catetinho - era de tábuas. Em 10 dias, o prédio - situado a 20 quilômetros do Plano Piloto - foi construído, através de empréstimos de amigos do ex-presidente Juscelino Kubitschek, no valor de Cr\$ 500.000,00 (antigos) para a hospedagem do chefe da Nação. Hoje, o Catetinho simboliza a concretização dos trabalhos de construção de Brasília, mantendo o mesmo nome, retirado do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, antiga sede do Governo Federal, antes da transferência da capital.

Brasília ainda não se encontra plenamente construída. Em seus 16 anos de existência, muita coisa ainda precisa ser concluída, como o Teatro Nacional. Com a forma de uma pirâmide asteca, idealizada por Athos Bulcão originalmente, o Teatro teria duas salas principais: a Martins Penna, para 550 pessoas e a Vila Lobos, para 1.200 espectadores. Até o término do atual Governo, o Teatro deverá ser concluído, com a inclusão de uma terceira sala para música de câmara. O orçamento previsto para o seu término é de 200 milhões de cruzeiros.

Outro símbolo da arquitetura de Brasília é a Torre de Televisão, no Setor de Difusão Cultural. Com 218 metros de altura é a quarta do mundo em altura, estando situada a 1.342 metros acima do nível do mar. Tem um mirante, com 168 metros quadrados e capacidade para 150 pessoas, a 75 metros de altura. Inicialmente construída para ser o observatório da cidade, a torre hoje transformou-se em um dos pontos de reunião dos brasilienses nos fins de semana, com a criação de uma feira de artesanato no local.